

IDENTIDADE CULTURAL NA BAIXADA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO – “NA BAIXADA NÃO TEM MAR”.

Laura Santos Ferreira de Azevedo¹

Rodrigo Dias Mendes²

Fernanda Delvalhas Piccolo³

Resumo: Este trabalho visa apresentar o documentário intitulado: Autorretratos da Baixada Fluminense – Na Baixada não tem mar, produzido no âmbito do PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural/IFRJ. O vídeo consiste em um trabalho de extensão, desenvolvido durante os meses de julho a setembro de 2011, pelos autores, nas ruas de alguns municípios da Baixada Fluminense. O objetivo do documentário foi retratar o olhar que algumas pessoas possuem sobre si mesmas enquanto moradoras desta localidade. Procuramos discutir e refletir sobre o conceito de identidade e a noção de Baixada Fluminense.

Palavras-chave: Identidade, Diversidade Cultural, Documentário, Moradores, Baixada Fluminense.

Introdução:

A Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro é uma região compreendida pela mídia como terra de extrema violência urbana e corrupção política. Porém alguns moradores desta região dizem gostar de morar neste local, por ele ser um “lugar bom para se viver”, apesar das dificuldades como o “acesso a cultura”, a educação e transporte de qualidade, dentre outros aspectos sociais importante para se ter uma boa qualidade de vida enquanto cidadão.

Visando conhecer melhor o que os moradores da Baixada Fluminense, pensam sobre si mesmos e sobre a região em que vivem, fizemos uma pesquisa de campo, realizando a seguinte pergunta aos moradores de alguns municípios desta região em que percorremos: Para você, o que é ser morador da Baixada Fluminense?

¹ Graduanda do CST em Produção Cultural – IFRJ (Campus Nilópolis) e Bolsista do PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural. E-mail: laurianabenicia@hotmail.com

² Graduando do CST em Produção Cultural – IFRJ (Campus Nilópolis) e Bolsista do PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural. E-mail: produtorcultural85@gmail.com

³ Doutora em Antropologia Social. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. E-mail: fernanda.piccolo@ifrj.edu.br



Esta foi a grande pergunta norteadora para nossa pesquisa de campo em relação a visão que os moradores da Baixada possuem sobre a sua identidade enquanto habitantes desta região. A mesma que deu origem ao nosso documentário que intitulamos: “Autorretratos da Baixada Fluminense: Na Baixada não tem mar.” Devido ao método que utilizamos em nossa pesquisa, sendo este por amostragem, percorremos apenas alguns municípios da Baixada.

Isto nos possibilitou ter uma visão um pouco mais genérica de um grande universo que seria a Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Universo esse que por motivos de tempo, gastos, dentre outras condições de estudo, não foi possível realizar esta pesquisa em sua totalidade, ou seja, toda a Baixada.

O nome Autorretratos surgiu através desta idéia de irmos a apenas alguns municípios da região, trazendo pequenos retratos realizados pelos próprios moradores desta região sobre si mesmos. O subtítulo deste curta-metragem: “Na Baixada não tem mar”, foi dado devido a uma fala de uma das moradoras do município de Nilópolis que entrevistamos que relatou”

A Baixada ta crescendo muito, eu acho que ta tendo muita coisa legal. As Faculdades Federais que vieram pra cá, eu acho que tem muita coisa legal sim. A gente tem muito verde, tem gama de florestas, cachoeiras e essas coisas. A paisagem daqui é bonita, não tanto como o mar, porque eu acho que o mar é tudo. Na Baixada não tem mar.

A entrevistada demonstrou claramente sua preferência pelas “orlas cariocas”. Podemos ressaltar que existe região litorânea em alguns municípios da Baixada, porém não são tão divulgados e são impróprios para o banho.

Tema:

Através de diversos estudos teóricos, pesquisas de campo e oficinas sobre a Baixada Fluminense no âmbito do PET/Conexões de Saberes em Produção Cultural – IFRJ, tivemos a oportunidade de assistir o documentário chamado: “Nunca fui, mas me disseram...”, em que se pretendia mostrar a visão que os moradores da Zona Sul e Centro da cidade do Rio de Janeiro possuíam sobre a Baixada Fluminense.

Observamos como se poderia esperar o quanto muitos dos entrevistados neste documentário possuíam total ignorância e/ou preconceito oriundos de uma visão estigmatizada da Baixada Fluminense provocada pela mídia. Ao término desta atividade, tivemos o privilégio de participar de uma outra oficina, sendo esta de

documentário, no qual aprendemos os diversos modelos, metodologias e facetas que um documentário pode ter.

O produto final desta oficina gerou em um curta-metragem que chamamos de: Autorretratos da Baixada Fluminense – Na Baixada não tem mar. A inspiração para realizarmos o vídeo, se originou sobretudo no documentário: Nunca fui, mas me disseram...”

Pensamos então em trazer uma proposta inversa a este documentário, mostrando a visão que alguns moradores da Baixada Fluminense, possuem sobre si mesmos. Este curta-metragem nos possibilitou aplicar todos os conhecimentos que adquirimos nestas duas oficinas que participamos.

Objetivo

Dentre as diversas possibilidades de estudos que poderíamos realizar sobre a Baixada Fluminense, tendo como base os estudos que realizamos na oficina sobre a mesma, optamos por trabalhar o conceito de identidade nesta região. Tínhamos o intuito de saber quem realmente são os moradores da Baixada Fluminense, o que eles pensam sobre si mesmos e como são vistos pelos moradores de outras regiões (principalmente os da Zona Sul e Centro da cidade do Rio de Janeiro).

O documentário que realizamos se propôs a trabalhar o conceito de Tomaz Tadeu da Silva (2007; cap 2, pp. 81-82 – A produção social da Identidade e da Diferença)

Podemos dizer que onde existe diferenciação, ou seja, identidade e diferença, aí que está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença de poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós e eles”), classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”, “desenvolvidos e primitivos”; “racionais”), normalizar (“nós somos normais, eles são anormais”). A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam sempre, as operações de incluir e excluir. (...) “ o que somos significa também dizer o que não somos”.

Pretendíamos estudar como estas relações de incluir e excluir, criam preconceitos e estereótipos, demarcam fronteiras, dentre outros fatores que se pode observar ao estudar o conceito de identidade entre as relações: Centro, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro X Baixada Fluminense.

Justificativa

Durante a construção histórica da Baixada Fluminense, diversos fatores contribuíram para a construção de uma imagem negativa da mesma. Esta apresentou constantemente disputas territoriais ao longo de sua história.

Tais ocupações resultaram em intensas disputas pela posse das terras, a partir do momento em que essas começaram a ser valorizadas e pleiteadas por “proprietários” e “grileiros”. Os camponeses que foram classificados e muitas vezes se autocalificaram como “posseiros”, resistiram a estas iniciativas de resistência a essas tentativas de expulsão. As lutas pela terra foram marcadas por ações violentas e conflitos diversos, muitas vezes retratados pela imprensa, o que vai marcar o início de uma representação associativa entre a Baixada Fluminense e as imagens da violência e da ausência de um poder legal exercido por direito (Mario Grynspan, 1987, pp. 41- 90 - Imprensa e Baixada: múltiplas representações – Ana Lucia S. Enne – 2004, p. 6)

Segundo Ana Lucia S. Enne:

“No início da década de 80, houve o surgimento de muitos jornais cariocas destinados a grande circulação, voltados para a classe de menor poder aquisitivo, inclusive pelo baixo custo de seus exemplares.” (Imprensa e Baixada: múltiplas representações – Ana Lucia S. Enne – 2004, p.3)

Portanto, estes possuíam seu foco extremamente voltado para matérias sensacionalistas.

A exploração da violência como recurso para garantir a vendagem, é uma estratégia facilmente perceptível ao analisarmos estes jornais, inclusive pela própria disposição das primeiras páginas, recheadas de manchetes apelativas (utilizando palavras como morte, assassinato, desova, extermínio, entre outras) e imagens chocantes, com cadáveres em profusão. Neste festival de atrocidades, a “Baixada Fluminense” ocupará papel de destaque, não só pelas ocorrências reais de casos de violência, como pela criação de um imaginário acerca da região aonde somente esse ângulo deveria ser destacado. (Imprensa e Baixada: múltiplas representações – Ana Lucia S. Enne – 2004, p. 3)

Podemos perceber como a grande mídia, sendo esta constituída principalmente pela elite carioca do Estado do Rio de Janeiro, pode construir uma imagem estereotipada desta região, renegando-a ao lugar de marginalidade, atendendo a seus interesses.

(...)”A imprensa carioca veio construindo dos anos 60 aos 90, um imaginário a cerca da Baixada onde esta aparece associada, principalmente a “violência” e ao desmando publico.” (Imprensa e Baixada: múltiplas representações – Ana Lucia S. Enne- 2004, p.5).

A partir de décadas, esta foi a imagem deturpada da Baixada, foi se perpetuando até construir seu estereótipo já citado. Isto acaba por construir também uma fixação na memória coletiva, não só para os habitantes das outras regiões do Rio de Janeiro, mais para os próprios moradores da Baixada.

Materiais e Métodos

Para realizar este documentário, fizemos algumas pesquisas de campo, entrevistamos alguns moradores e fizemos estudos teóricos sobre a Baixada Fluminense. Participamos também de uma oficina de documentário em que aprendemos seus fundamentos básicos. Depois passamos para as filmagens.

Neste período, visitamos os centros comerciais dos municípios de: Belford Roxo, Duque de Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados e Japeri, dentre os treze municípios que compõem a região. Estabelecemos como meta encontrar três pessoas que se dispusesse a participar do documentário em cada município visitado, embora o número fosse pequeno, não encontramos com facilidade tais entrevistados. Não esmorecíamos enquanto a meta não fosse alcançada.

Abordávamos as pessoas enquanto transitavam pelas ruas. A principio não existia uma seleção, a escolha se dava de forma aleatória. Parávamos qualquer pessoa. Com o decorrer das filmagens, desenvolvemos uma seleção intuitiva, buscando pessoas que aparentassem passear e dispusessem de tempo para compreender o trabalho.

Ao serem abordadas, nos identificávamos (nome, instituição que estudamos), logo após explicávamos o trabalho (documentário sobre os moradores da Baixada Fluminense). A partir disso, a pessoa decidia se daria o seu depoimento ou não. Caso concordassem, pedíamos uma autorização (em alguns casos verbal) sobre o seu direito de suas imagens.

Em alguns casos, o tamanho receio e desconfiança pelo que seria feito com as imagens, nos obrigavam a mostrar um comprovante de escolaridade. Elaboramos

apenas duas perguntas aos entrevistados, relativo ao seu sentimento de pertencimento desta região:

- Para você, o que é ser morador da Baixada Fluminense?
- Caso haja, quais os aspectos positivos ou negativos que você considera que existem na Baixada Fluminense?

A intenção era que o entrevistado construísse o seu discurso de forma livre e não indutiva, atendendo aos nossos interesses. Só então construiríamos um discurso para o documentário, a partir das falas semelhantes e dissonantes. No entanto, tivemos dificuldade devido a amplitude das respostas.

Estas perguntas possibilitaram uma imensa gama de assuntos a serem abordados. Ou seja, ao perguntar sobre “ como é ser morador da Baixada Fluminense?”, poderíamos ter como resposta opiniões sobre educação, moradia, vizinhança, lazer, saúde, entre outros assuntos.

Para realizarmos este documentário, recebemos apoio do Laboratório de Estratégias Didáticas (LED) do IFRJ- Nilópolis, que nos deu suporte para a captação de imagens e nos auxiliou na edição do curta-metragem.

Resultados e Discussões

Os moradores

Ao realizarmos as entrevistas, podemos perceber que muitas pessoas se intimidavam com o fato da entrevista ser gravada, outras associavam a política, recusavam por ter receio do que poderia acontecer após a veiculação do filme. Constatamos também que algumas pessoas possuem baixo-auto estima sobre o estado atual de sua cidade, já outras acreditam que a Baixada é um região tranquila para se viver. Uma moradora de Mesquita fez o seguinte relato em relação ao seu sentimento de pertencimento da Baixada:

Não troco nenhuma casa daqui por lá embaixo. Aqui é muito mais sossegado, mais tranquilo. O contra é o seguinte: Nós somos discriminados, só isso, o resto aqui não tenho o que reclamar. Discriminados, por sermos moradores da Baixada.

Analisando alguns artigos sobre a Baixada Fluminense, encontramos outros relatos de moradores que foram pertinentes ao nosso estudo teórico, a citar:

Não saio daqui de jeito nenhum. Cresci aqui, minha família veio de fora, mas eu conheço todo mundo. Se precisar de alguma coisa, sei que o

pessoal me ajuda. Não fico preocupada. Não vou pra lugar onde ninguém sabe o nome do vizinho. Todo mundo aqui é igual (Sra. I. moradora de Nova Iguaçu, entrevista realizada em agosto de 2004 – Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores - Alessandra Siqueira Barreto – 2004, p.47).

“Aqui a gente só pode esperar o pior. Quando chove, a gente tem que amarrar saco plástico no (s) pé (s) pra não chegar no trabalho sujo de lama” (Sr. J. morador de Duque de Caxias, em entrevista realizada em março de 2004 - Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores - Alessandra Siqueira Barreto – 2004, p.47).

Um dos entrevistados se recusou a participar da filmagem, por ter nada de bom a acrescentar sobre a Baixada. Em sua concepção, esta região fluminense, possui tantas coisas negativas, que fica difícil relatar ou até mesmo lembrar de algum aspecto positivo que ela possui.

Podemos constatar nas entrevistas que o sentimento de pertencimento destas pessoas dividem opiniões. Algumas ainda possuem uma visão negativa, sendo esta, certamente veiculada pela mídia, que sempre remete a Baixada como uma região de marginalização e descaso político, já outras se sentem tão lisonjeadas em serem moradoras da Baixada, que não sairiam daqui para morar na Zona Sul do Rio de Janeiro, por exemplo.

Identidade Cultural da Baixada Fluminense

A Baixada é uma região muito diversa, complexa, não possibilitando dar a ela uma homogeneidade, devido a sua diversidade cultural. Cada município possui características bastante distintas. Uns parecem mais urbanizados, outros rurais. Alguns municípios são tão diferentes do resto da Baixada que nem se consideram ou desconhecem fazer parte da mesma.

Um grande exemplo a ser citado é o município de Paracambi, por ser uma região tranquila, calma, onde há a predominância de muitas florestas, paisagens bonitas, além de ser um pouco distante dos municípios mais conhecidos da Baixada como Nova Iguaçu, Nilópolis, dentre outros. Não se consideram integrantes desta região fluminense, apesar de serem.

Existe grande diversidade cultural quanto a religião, aos hábitos rurais e/ou urbanos, preferências musicais, bens culturais, manifestações populares, economias, dentre outros aspectos que variam de um município para outro.

Considerações Finais

A Baixada é um local basicamente estereotipado pela mídia como violento, muito precário e desassistido pelas autoridades, tendo muito mais problemas quanto a segurança, transporte, “acesso a cultura”, saneamento básico, do que qualidades. Esta região possui belezas naturais, consideradas pontos turísticos como: a Cachoeira de Mesquita, a Reserva de Tinguá e o Parque Municipal de Nova Iguaçu.

Podemos somar a estes aspectos a sua diversidade cultural, percebida a cada município percorrido. Porém, estes fatores positivos ressaltados pelos moradores, são poucos divulgados pela mídia, que, ao contrário, produz uma imagem negativa da região.

Isto porque esta é constituída por indivíduos oriundos em sua maioria, das classes dominantes, atendendo aos seus interesses. Valorizar o Centro e a Zona Sul do Rio de Janeiro implica na operação de excluir e estigmatizar a Baixada Fluminense.

Referências Bibliográficas

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: ___. (Org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ENNE, Ana Lucia S. Imprensa e Baixada Fluminense: múltiplas representações. Revista Ciberlegenda, n.n.14,2004. <http://www.uff.br/mestcii/enne.htm>, <30/03/2011>.

BARRETO, Alessandra Siqueira. Um olhar sobre a Baixada: usos e representações sobre o poder local e seus atores.< <http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&output=search&client=psyab&q=Um+olhar+sobre+a+baixada%3A+usos+e+representa%C3%A7%C3%B5es+sobre+o+poder+local+e+seus+atores&btnG=> > Campos, RJ, 2004.